

LINGUASAGEM

A VACINAÇÃO À COVID-19 EM COMBATE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

Erika Caroline DE OLIVEIRA CAVALCANTI¹
Nadia Pereira da S. Gonçalves de AZEVEDO²

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar o funcionamento discursivo de enunciados sobre a antivacinação referente à Covid-19 através das posições-sujeito e interdiscurso presentes. Com o embasamento teórico e metodológico da Análise de Discurso francesa (AD) desenvolvida pelo pesquisador Michel Pêcheux a partir de 1960, apresentamos como *corpus* alguns enunciados trazidos pela pesquisa do Ibope Inteligência, de 8 de setembro de 2020, sobre os motivos pelos quais brasileiros não têm intenção de tomar a vacina contra o vírus. As referências utilizadas para este estudo são a teoria da AD e a temática sobre a Covid-19. Dos resultados obtidos, compreendemos a necessidade de uma educação para a saúde que esclareça sobre a vacina em desenvolvimento e ajude a combater a disseminação de discursos que comprometam o avanço responsável da ciência.

Palavras-chave: Análise do Discurso francesa; Posições-sujeito; Interdiscurso; Covid-19; Vacinação.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo analizar el funcionamiento discursivo de enunciados sobre la antivacunación referentes a Covid-19 a través de las posiciones-sujeito e interdiscurso presentes. Con el aporte teórico y metodológico del Análisis del Discurso francés (AD) desarrollado por el investigador Michael Pêcheux desde de 1960, presentamos como *corpus* algunos enunciados aportados por la investigación del Ibope Inteligência, de 8 de septiembre de 2020, sobre las razones por las cuales brasileños no tienen la intención de vacunarse contra el virus. Las referencias utilizadas para este estudio son la teoría del AD y el tema sobre Covid-19. A partir de

¹ Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestra em Educação e Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: erikacaroli@hotmail.com.

² Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Paraíba e Professora adjunto III da Universidade Católica de Pernambuco, atuando na Graduação em Fonoaudiologia e como professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Ciências da Linguagem. E-mail: nadiaazevedo@gmail.com.

los resultados obtenidos, comprendemos la necesidad de una educación en salud que aclare acerca de la vacuna en desarrollo y ayude a combatir la difusión de discursos que comprometan el avance responsable de la ciencia.

Palabras-chave: Análisis del Discurso francés; Posiciones-sujeto; Interdiscurso; Covid-19; Vacunación.

Introdução

A *Coronavirus Disease 2019*, conhecida como Covid-19, é uma doença infecciosa que tem provocado pesquisas incessantes ao redor do mundo em busca de uma vacina que seja eficaz no combate ao vírus, uma vez que este foi caracterizado pela Organização Mundial de Saúde como uma pandemia por ter causado surtos globais, desde que foi diagnosticado na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019 (OPAS, 2020).

No entanto, os resultados de testes para liberação de uma vacina com alguns meses de investigação, após a ocorrência do vírus, têm dividido opiniões. A partir de argumentos opostos sobre uma iminente vacinação, consideramos como objetivo analisar o funcionamento discursivo de enunciados presentes na pesquisa do Ibope Inteligência, de 8 de setembro de 2020, sobre os motivos pelos quais brasileiros não têm intenção de tomar a vacina.

Para tanto, visamos identificar as posições-sujeito dos referidos enunciados e analisar o interdiscurso presente. Como aporte teórico e metodológico, utilizamos a Análise do Discurso francesa (AD) que apresenta o imbricamento entre a língua, história e sujeito, conforme estudos que advêm da obra de Michel Pêcheux a partir de 1960.

Desse modo, e diante da emergência de uma antivacinação decorrente de resistências, estruturamos este artigo com uma breve contextualização sobre a temática da vacinação relacionada à atual pandemia da Covid-19, seguida da discussão teórica e analítica da AD, bem como a metodologia, o *corpus* sob análise e as considerações finais.

O dilema da vacina contra a COVID-19

A partir da mudança no cotidiano em todo o mundo, ocasionada pelos impactos da pandemia disseminada pela Covid-19, inúmeras pesquisas têm sido desenvolvidas na tentativa de conter o avanço do vírus.

No entanto, a repercussão pela busca de uma vacina tem corroborado um estudo da Universidade de São Paulo (USP) sobre o crescimento de conteúdo antivacinação com *fake news* no Brasil, conforme o Ibope Inteligência (2020) que em 08 de setembro de 2020 revelou o resultado de sua pesquisa apresentando a desinformação como motivo para esta realidade.

De acordo com a referida investigação do Ibope Inteligência (2020), cerca de 25% dos brasileiros podem não se vacinar contra o vírus, o que corresponde a 41 milhões de pessoas, dentre os quais 34% não têm certeza ou não aceitam ser vacinados, e estes são 14 milhões. Esses entrevistados explicam suas razões que estão sintetizadas em quatro enunciados a serem analisados neste estudo.

Com a confirmação até o dia 27 de novembro de 2020 de que no mundo foram registrados 60.534.526 casos de Covid-19 e 1.426.101 mortes, a espera é por uma vacina contra o vírus de modo a controlá-lo para a diminuição de seus impactos na sociedade que tem vivido sob orientações específicas, necessárias à prevenção, como, por exemplo, o uso de máscaras, o distanciamento social com pelo menos 1 metro de distância das outras pessoas e precauções gerais de higiene (OPAS, 2020).

Mas, mesmo com a tensão global e preocupações com a segurança, a saúde e a economia para a normalização do convívio social e serviços ofertados, sem restrições, são inúmeros os argumentos utilizados contra a vacinação da Covid-19.

Segundo Camargo Júnior (2020), os argumentos podem ser reunidos em sete grupos que explanam este ativismo, a saber: a crença de que existem ingredientes perigosos, substâncias que representariam risco à saúde; a crença de lesão vacinal por danos mais prevalentes do que o afirmado; argumentos de autoridade baseados em material duvidoso produzido por *experts* questionáveis, como acadêmicos antivacina com pesquisas de baixa qualidade; a crença de que as doenças teriam diminuído por outras razões e não pelas vacinas e/ou simplesmente não teriam diminuído, teriam sido rebatizadas para negar sua erradicação; a crença de demasiadas vacinas a serem aplicadas em um curto período de tempo; a crença de que a imunidade natural é

preferível, sem o conhecimento de como ela realmente funciona; e a crença de que especialmente as mães teriam maior conhecimento devido a sua intuição para o cuidado com as crianças.

De acordo com Levi (2013), os motivos pelos quais familiares decidem pela não vacinação de si e de seus tutelados estão relacionados a aspectos filosóficos, religiosos, pelo medo de acontecimentos adversos, e por orientação médica.

Estes aspectos, apontados pelos autores supracitados, são amplamente difundidos pelas redes sociais com base no argumento dos direitos individuais, embora este argumento ignore, conforme Camargo Júnior (2020) que

(a) a vacinação, através da imunidade de grupo, é uma intervenção de saúde pública que protege as comunidades, incluindo aqueles que não podem ser vacinados e (b) os direitos em questão são normalmente reivindicados pelos pais, ignorando implicitamente os próprios direitos das crianças (CAMARGO JÚNIOR, 2020, p. 05).

Por este motivo, de acordo com Santos e Hespanhol (2013, p. 329, 332), esta discussão perpassa pela questão ética de que “a autonomia do próprio está condicionada pela perspectiva comunitária do bem comum”, de maneira que o enfrentamento a esta recusa deve tornar-se “uma oportunidade de fazer Educação para a Saúde e de poder moldar o preconceito à evidência do potencial benefício”, como uma atitude mais inclusiva do que uma confrontação.

Segundo a pesquisa do Ibope Inteligente (2020), a televisão e as redes sociais são as maiores fontes de informação dos brasileiros sobre a vacina contra o vírus, o que corresponde a 72% e 39% respectivamente, e por esta razão, conforme Camargo Júnior (2020, p. 05), perante a “suspeita do governo, desconfiança da ciência e dependência dos meios de comunicação social para informação” faz-se necessário, dentre outras questões, estar presente nas mídias visando contra-argumentar com a publicidade antivacinação, e não a deixando ser reforçada; bem como “superar o fosso entre a comunidade científica e a sociedade em geral”, e inserindo a questão no debate público, inclusive para atrair as pessoas omissas nesta realidade.

A partir do momento que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a “relutância ou recusa em vacinar apesar da possibilidade de fazê-lo, como uma das dez maiores ameaças para a saúde global” (CAMARGO JÚNIOR, 2020, p. 02), torna-se

necessário o esclarecimento quanto à divulgação das informações sobre a utilidade e relevância da vacina em uma linguagem acessível, além de “seus resultados benéficos e seus possíveis eventos adversos, sua disponibilidade e os cuidados que cercam sua fabricação, transporte, manutenção, aplicação e controle de segurança” (LEVI, 2013, p. 59).

Portanto, mesmo que os movimentos antivacinação sejam tão antigos quanto o primeiro método de vacinação de maneira segura - a partir das experiências de Edward Jenner, em 1796, com a inoculação para proteção contra a varíola (LEVI, 2013) - as circunstâncias para a resistência atual não se restringem ao desconhecimento do que sejam as vacinas como ocorria no passado, pois essa resistência pode ser compreendida pela desconfiança quanto à eficácia desses preparos biológicos para imunidade, o que tem repercutido cada vez mais nas redes sociais, além de fortalecer o ativismo contra as vacinas candidatas ao combate à Covid-19.

Diante do exposto e dos objetivos apresentados, explanamos, a seguir, sobre a Análise de Discurso francesa (AD) como base teórica e metodológica deste estudo.

Posições-sujeito e Interdiscurso na teoria e método da AD

A Análise do Discurso pecheutiana ou de linha francesa é uma teoria e metodologia que compreende “a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2015, p. 13).

Nesse sentido, estudos discursivos não separam “forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento” em que um sujeito é afetado pela história constituindo-se “na relação com o simbólico, na história”. Portanto, o que caracteriza o discurso não é sua tipologia, por não ser esta uma de suas preocupações principais, mas as propriedades internas do processo discursivo, o seu modo de funcionamento (ORLANDI, 2015, p. 17, 20).

Desse modo, o sujeito não é a origem do discurso, ele enuncia um discurso perpassado por outros onde está marcada uma ideologia, e a materialização dessa ideologia são as formações discursivas que apresenta.

Em outras palavras, a ideologia para a AD é percebida pelas diferentes condições reais de existência materializadas nas práticas de todo sujeito, materializações essas que se apresentam no discurso, ou seja, na formação discursiva constituída histórica e socialmente como produto dessas práticas sociais do sujeito. A formação ideológica, portanto, “é a ‘posição’ assumida no interior de uma Formação Discursiva (FD) que, de certa forma, demonstra o modo de assujeitamento do sujeito” (FLORES *et al.*, 2015, p. 59).

Compreender o que são posições-sujeito é entender que os processos parafrásticos podem instaurar “posições de contra-identificação com o saber dominante dentro da FD na qual são produzidos. Diz-se, assim, que há uma ruptura nos processos de significação”, ou seja, há um estranhamento e questionamento da ideologia em voga com “instauração do processo polissêmico que joga intimamente com o equívoco. Não há como saber, contudo, onde que o processo parafrástico rompe para instaurar o polissêmico”, só com o percurso analítico do discurso (AIUB, 2015, p. 116).

Quando há contra-identificação forte o suficiente para o sujeito romper com sua formação discursiva, ocorre o processo de desidentificação, filiando-se, o sujeito, a outra formação discursiva, que é o processo de identificação com um discurso dominante, onde é reproduzida com fidelidade a nova ideologia, de maneira distanciada a outras possibilidades (AIUB, 2015).

Desse modo, posições-sujeito expõem processos de identificação, contra-identificação e desidentificação das FDs, conforme Indursky (2005).

Assim, a formação discursiva é como um recorte de uma formação ideológica e, neste sentido, há o “imbricamento indissociável entre ideologia e sujeito, uma vez que, se o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, é também neste momento que ele passa a se identificar com uma formação ideológica e, conseqüentemente, a uma FD” (AIUB, 2015, p. 106).

Segundo Pêcheux, em suas análises para relação língua-discurso-ideologia, o real é o que se evade ao simbólico de uma forma constitutiva e estranha a uma única interpretação e lógica, uma vez que o sujeito e o funcionamento da linguagem são os objetos de reflexão na AD, sintetizando, assim, língua, discurso e sujeito (MARIANI, 2008). O indivíduo interpelado e assujeitado pela ideologia, sujeito, é, desse modo, produto de determinações históricas manifestadas na linguagem.

Portanto, para ocorrer uma interpretação em AD é necessário compreender que esta não corresponde a uma decodificação, pois “ao interpretar, há uma exposição inevitável à incompletude do objeto simbólico, ou seja, não se tem nunca acesso ao todo, embora haja o desejo de tal e a ilusão de tal” (AIUB, 2015, p. 106).

Segundo Mazière (2007, p. 23, 13) “o analista de discurso não é uma pessoa neutra. Nunca. Vimos que ele deve assumir uma posição quanto à língua, uma posição quanto ao sujeito”, uma vez que “o discurso propriamente não é individual. Ele é a manifestação atestada de uma sobredeterminação de toda fala individual”.

A observação do indivíduo em sujeito do discurso é efetuada pela FD apresentada, com base no funcionamento do interdiscurso, que marca o que determina esse sujeito.

A partir do funcionamento do interdiscurso é “que podemos encontrar uma forma de pensar a *conjunção* entre ideologia e inconsciente. Porque no interdiscurso há o Outro, exterioridade constitutiva, memória estruturada pelo esquecimento” (ORLANDI, 2017a, [p.09]).

O interdiscurso “é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva”. Assim, esta memória é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2015, p. 29).

Dessa maneira, consideramos a relação entre os conceitos de posições-sujeito e interdiscurso pela AD, como diretrizes para analisar o funcionamento discursivo em foco, conforme a apresentação da metodologia e da análise proposta para este estudo, a seguir.

Metodologia da pesquisa

A partir da fundamentação teórica apresentada sobre a temática que abrange a Covid-19 com referências como a OPAS (2020), Camargo Júnior (2020), Levi (2013), Santos e Hespanhol (2013); e autores da AD, como Orlandi (2015, 2017a, 2017b), Flores *et al.* (2015), Aiub (2015), Mariani (2008), Mazière (2007) e Indursky (2005);

desenvolvemos a presente pesquisa que versa sobre discursos antivacinação em meio à pandemia.

Desse modo, ponderamos, à luz da Análise do Discurso francesa, elencar como objeto discursivo, a pesquisa do Ibope Inteligência, de 8 de setembro de 2020, pesquisa esta selecionada mediante notícias sobre diferentes resistências à vacina contra a Covid-19.

Diante destas matérias veiculadas pela mídia, chamou-nos atenção o percentual divulgado pela referida pesquisa que contemplou cerca de 41 milhões de pessoas no Brasil, o que corresponde a 25% da população brasileira.

Os dados foram sintetizados na pesquisa em quatro enunciados, que apresentam os motivos pelos quais brasileiros não aceitam ou têm dúvidas em tomar a vacina. Nesse sentido, apresentamos o objetivo de analisar o funcionamento discursivo desses enunciados, a saber: *7,8 milhões de brasileiros acreditam que a vacina contra a COVID-19 contém chips implantados para controle populacional; 8,2 milhões acreditam que Bill Gates teria afirmado que a vacina pode matar cerca de 700 mil pessoas; 5,7 milhões de pessoas acreditam que a vacina poderia alterar o DNA; e 4,9 milhões acreditam que as vacinas são produzidas a partir de células de fetos abortados.*

Para tanto, visamos identificar as posições-sujeito dos referidos enunciados e analisar o interdiscurso presente, uma vez que diante da atual pandemia, e da criação de uma vacina que possa imunizar a população mundial, os discursos contrários à recepção de tais vacinas cingem desconfianças que serão explicitadas na análise deste estudo.

Assim, como procedimentos analíticos, consideramos o modo de funcionamento do discurso pela constituição de sujeitos e sentidos através da observação de “como eles se constituem, como formulam (e são formulados) e como circulam” (ORLANDI, 2017b, p. 152).

Como concepções analíticas, destacamos as formações discursivas, formações ideológicas, posições-sujeito e interdiscurso presentes nos enunciados, de acordo com o batimento entre teoria e método na análise que se segue.

Funcionamento discursivo da antivacinação à COVID-19

A pesquisa Ibope Inteligência, de 8 de setembro de 2020, revelou cerca de 41 milhões de pessoas com discurso antivacinação, seja pela dúvida em tomar a vacina (20%) ou pela certeza de não aceitar a vacina (5%), o que corresponde a 25% da população brasileira, percentual este apresentado a partir de *quatro enunciados* por ela sintetizados e que compõem o *corpus* do presente estudo, conforme descrição abaixo:

- *7,8 milhões de brasileiros acreditam que a vacina contra a COVID-19 contém chips implantados para controle populacional;*
- *8,2 milhões acreditam que Bill Gates teria afirmado que a vacina pode matar cerca de 700 mil pessoas;*
- *5,7 milhões de pessoas acreditam que a vacina poderia alterar o DNA;*
- *4,9 milhões acreditam que as vacinas são produzidas a partir de células de fetos abortados.*

Para a análise do funcionamento desses discursos consideramos a constituição de sujeitos e sentidos formulados pela compreensão das formações discursivas, formações ideológicas, posições-sujeito e interdiscurso, buscando identificar as posições-sujeito sobre a temática em foco, e analisar o interdiscurso nos enunciados mediante a teoria da Análise do Discurso francesa, e com o aporte teórico sobre a pandemia.

Desse modo, analisamos dos quatro enunciados a existência de duas posições-sujeito sobre o discurso oficial que informa o acompanhamento seguro das pesquisas e seus resultados.

Das 41 milhões de pessoas com discurso antivacinação, conforme o Ibope Inteligência (2020), são apresentados termos inconclusivos sobre a vacina, demonstrando contra-identificação no segundo enunciado, que aponta 8,2 milhões dos entrevistados acreditando que a vacina *pode matar*; e também no terceiro enunciado, em que 5,7 milhões creem que a vacina *pode alterar o DNA*.

Em ambos os enunciados que totalizam mais de 13 milhões de pessoas, ou seja, 20% dos brasileiros, compreendemos uma formação discursiva constituída histórica e socialmente pela desconfiança quanto à eficácia desses preparos biológicos para imunidade. Tais propagandas antivacina sempre existiram e têm encontrado vazão pela

desinformação ou falta de esclarecimento de maneira objetiva sobre benefícios e comprometimentos que essas substâncias podem causar. Outro motivo, dentre muitos, para as referidas propagandas são os argumentos de *experts* com pesquisas de baixa qualidade, e portanto, questionáveis.

Assim, a materialização das condições reais de existência dos sujeitos nos discursos sintetizados pelos enunciados da entrevista, apresenta um interdiscurso de medos que correspondem à memória estruturada pelo esquecimento. Essa memória resgata as patologias e mutações possíveis devido aos experimentos da ciência, como podemos analisar no terceiro enunciado em que os entrevistados consideram que a *vacina poderia alterar o DNA*.

Segundo as classificações de Camargo Júnior (2020) e de Levi (2013), compreendemos esses discursos relacionados à crença de uma possível lesão vacinal pelo receio da administração e resultados dos imunizantes na população em tão pouco tempo de experimentos científicos.

A conjunção entre ideologia e inconsciente, conforme Orlandi (2017a), é o espaço onde encontramos o funcionamento do interdiscurso, deste já dito, que apresenta, na posição discursiva em questão, uma ideologia de incredulidade com a ciência, ou seja, uma posição de questionamento à ideologia dominante.

A posição-sujeito assumida pelos entrevistados no segundo enunciado está mais representada pela crença de que uma personalidade mundial, Bill Gates, teria afirmado sobre o risco de 700 mil óbitos decorrentes da vacina contra a Covid-19, do que pelas afirmações de autoridades da área da saúde.

Desse modo, a contra-identificação analisada apresenta um interdiscurso que retorna na base do dizível sustentando essa posição de imprecisão diante do novo na ciência, que nesta circunstância é uma vacina a ser administrada com poucos meses de surgimento do vírus que desencadeou esta pandemia.

No entanto, das mesmas 41 milhões de pessoas entrevistadas na referida pesquisa, 5% dos brasileiros afirmam, de modo enfático, não aceitar a vacina.

Diante do primeiro e quarto enunciados podemos analisar uma desidentificação dos sujeitos com o discurso de uma iminente vacinação, pois, respectivamente *7,8 milhões acreditam que a vacina contra a Covid-19 contém chips implantados para controle populacional; e 4,9 milhões acreditam que estas são produzidas a partir de*

células de fetos abortados. Desse modo, temos um pouco mais de 11 milhões de pessoas que acreditam em ingredientes ou substância contrárias à aceitação pública.

Diferentemente da posição-sujeito anterior, cuja preocupação estava relacionada à saúde, esta desidentificação demonstra uma formação discursiva com aspectos políticos e religiosos em oposição ao discurso dominante, considerando a “suspeita do governo, desconfiança da ciência e dependência dos meios de comunicação social para informação” (CAMARGO JÚNIOR, 2020, p. 05).

No primeiro enunciado percebemos a suspeita para com governos pela crença na implantação de chips de controle populacional e no quarto enunciado temos a presença da desconfiança para com a ciência a respeito dos métodos e tipos de material utilizados para produzir a vacina, como a ideia de haver parte de células de fetos abortados.

A expansão desse tipo de discursos nas redes sociais e na televisão decorre da dependência desses sujeitos por informações midiáticas não oficiais.

Desse modo, esses sujeitos enunciam um discurso atravessado por outras formações discursivas que são a materialização da ideologia ativista de oposição ao discurso dominante, com enfrentamento e resistência a enunciados de não tomar a vacina “de jeito nenhum”. Outra materialização da ideologia na FD desses sujeitos é o discurso religioso contrário ao aborto, que não aceita uma possível imunização decorrente deste ato.

Por esse motivo, conforme Aiub (2015), o distanciamento à ideia de chips implantados e células de fetos abortados nas vacinas foi forte o suficiente para estes sujeitos romperem com a formação discursiva de aceitação da imunização contra a Covid-19, pois acima da situação pandêmica está posta nos enunciados a formação ideológica de liberdade e não controle populacional, bem como a formação ideológica pró-vida ao que tem sido disseminado, gerando, portanto, a posição-sujeito de desidentificação materializada na formação discursiva antivacinação.

A partir dessas duas posições-sujeito acima analisadas, compreendemos que os entrevistados são produtos de determinações históricas manifestadas na linguagem, visto que trazem da memória discursiva o funcionamento de seus discursos, marcados pela interpelação da ideologia que se faz presente nas formações discursivas sobre a vacina contra a Covid-19.

Essas FDs trazem como preocupação para a Organização Mundial da Saúde a relutância das pessoas de não se sentirem seguras e não aceitarem a vacinação, uma vez que tais recusas já são consideradas parte das “dez maiores ameaças para a saúde global” (CAMARGO JÚNIOR, 2020, p. 02), embora os direitos individuais não devam estar acima da imunidade coletiva por tratar-se de uma questão ética.

Nesse sentido, diante dos objetivos apresentados para este estudo, consideramos que estas e outras discussões éticas sobre uma vacinação compulsória sejam aprofundadas em demais investigações da ordem do discurso, pois, como afirma Orlandi (2015), o objeto discursivo não se esgota em uma descrição por fazer parte de um processo mais amplo da discursividade analisada.

Considerações finais

A desinformação gera polêmicas e compromete a existência de atitudes ponderadas, como pesquisar em fontes seguras e tomar decisões com base em argumentos oficiais.

Nesse sentido, as *fake news* sobre a vacina contra a Covid-19 são exemplos do tipo de controvérsias que desencadearam a consolidação de enunciados contrários à imunização durante a pandemia vigente, enunciados estes trabalhados como *corpus* para análise no presente estudo.

Com a escuta de argumentos antivacina como um meio de fazer educação para a Saúde (SANTOS E HESPANHOL, 2013), pode haver o esclarecimento sobre a utilidade e relevância dessa imunização, de modo a ser divulgada para que haja uma conscientização sobre a eficácia assegurada e, assim, não reforçar a disseminação das *fake News* que circulam nas mídias e negligenciam o combate à pandemia.

Ao buscarmos, neste estudo, identificar as posições-sujeito dos enunciados sobre a antivacinação e analisar o interdiscurso presente para compreender o funcionamento discursivo em voga, entendemos a paráfrase e polissemia, o já dito e os sentidos que podem ser outros, na constituição das contra-identificações e desidentificações dos milhões de sujeitos entrevistados, cujos discursos estão sintetizados nos quatro enunciados apresentados como objeto discursivo, demonstrando a necessidade do diálogo em sociedade e não só de informações que podem ser distorcidas.

Portanto, conforme Camargo Júnior (2020), é necessário inserir esta preocupação do ativismo antivacina no debate público, e “superar o fosso entre a comunidade científica e a sociedade em geral” no que diz respeito aos esforços pelo desenvolvimento da imunização em combate à Covid-19, vírus este que tem acometido o mundo a uma vida mais restrita e sem perspectivas para o fim desta pandemia.

REFERÊNCIAS

AIUB, G. F. Quando o sujeito fal(h)a: reflexões a partir das noções de ideologia e formação discursiva. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 9, n. 3, p. 104-119, jul./set. 2015. Disponível em

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/28830/16973>.

Acesso em: 19 de Junho de 2020.

CAMARGO JUNIOR, K. R. de. Lá vamos nós outra vez: a reemergência do ativismo antivacina na Internet. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 36, n. 14, e00037620, Fev. 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.ocruz.br/csp/artigo/1151/la-vamos-nos-outra-vez-areemergenciado-ativismo-antivacina-na-internet>. Acesso em: 23 de Novembro de 2020.

FLORES, G. B. *et al.* Vem pra Rua: Sentidos em deslizamento na cena política brasileira. In: FLORES, G. B. *et al.* (Orgs.). **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p. 55-72.

IBOPE INTELIGÊNCIA. **1 em cada 4 brasileiros pode não se vacinar contra a covid-19**. 2020. Disponível em: <https://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/1-em-cada-4-brasileiros-pode-nao-se-vacinar-contr-a-covid-19>. Acesso em: 23 de novembro de 2020.

INDURSKY, F. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?. In: II Seminário de Estudos em Análise do Discurso: mapeando conceitos, confrontando limites, 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 1-11.

LEVI, G. C. **Recusa de Vacinas: causas e consequências**. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

MARIANI, B. S. C. Significantes e sentidos, inconsciente e ideologia. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. do R. (Orgs.). **Análise do discurso: herança, métodos, objetos**. São Carlos, SP: Claraluz, 2008, p. 143-152.

MAZIERE, F. **Análise do Discurso: história e práticas**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha informativa COVID-19 – Escritório da OPAS e da OMS no Brasil**. 2020. Disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 18 de junho de 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 12.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, SP: Unicamp, 2007a.

ORLANDI, E. P. Educação em direitos humanos: um discurso. In: Silveira et al. (Orgs). **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007b. 513p.

SANTOS, P.; HESPANHOL, A. Recusa vacinal – o ponto de vista ético. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 29, n. 5, p. 328-333, 2013. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-51732013000500008&lng=es.

Submetido em: 01/12/2020.

Aprovado em: 01/03/2021.

Como referenciar este artigo:

DE OLIVEIRA CAVALCANTI, Erika Caroline; AZEVEDO, Nadia Pereira da S. Gonçalves de. A vacinação à covid-19 em combate: uma análise do discurso francesa. **revista Linguagem**, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 274-287.